DISCURSOS

CARLOS RIBEIRO E O ESPÍRITO DE SERVIR (*)

RAIMUNDO GIRÃO

A pequena montanha do Estêvão apenas se alteia de quatrocentos metros, e de lá se descortina, em tôdas as direções, a planura abochornada e vasta do sertão. Ferem os olhos mais flagrantemente, porém, os descalvados monólitos que rondam, como sentinelas empedernidas, a cidade de Quixadá, vista ao longe qual rarefeito agrupamento de casas brancas.

Entre estas, uma diferente, no estilo e nas côres, comprida e de paredes amarelas — a estação da Ferrovia, em cujo alongado alpendre se comprime o povo que vai para ali aguardar a chegada do trem horário: uns que o vão tomar, outros que os negócios ou a curiosidade trouxeram, enfim aquêles que vêm receber amigos ou parentes.

Num cálido meio-dia de fevereiro do ano de 1907 fazia parte dessa gente ansiosa o Dr. Antônio Justa, médico de coração filigranado de suavidade humana, que o transformaria no mais apostolar soldado do evangélico exército de recuperação dos desgraçados hanseanos, em nossa terra.

Contava com a vinda de um passageiro, que se apresentou, ao descer, mocinho franzino, de tez clorótica denunciando uma constituição física de muitas carências. Recebeu-o afetuosamente e tratou, como estava acertado, de levá-lo àquela serra, caminhando, a cavalo, pela "torcicolosa estrada que, a principiar da ladeira do Engano, comunica a serra com o sertão".

(*) *Proferido em nome do Instituto do Ceará pelo consócio Raimundo Girão, na sessão fúnebre em homenagem a Carlos Ribeiro, realizada a 20 de novembro de 1958.*

A meia altura da viagem, um matuto os cumprimenta e dirige-se ao Dr. Justa: "O sr. vai levando mais um menino para a Escola?"

A Escola a que se referia o camponês era o "Colégio de São José", localizado lá no altantil pelos frades da Ordem de São Bento, que ali haviam, desde junho de 1900, levantado o Mosteiro de Santa Cruz, proporcionando à comunidade quixadaense, na linguagem de Júlio Abreu, "uma idade de ouro". Êste velho historiador nos conta como Dom Gerardo van Caloen, Abade do Convento de Olinda, resolveu enfiar no cabeço daquele monte não só as estacas de alicerce do edifício como as bases místicas de uma organização religiosa que, infelizmente, tivera efêmera duração: "esmiuçou tudo aquilo e mostrou desejo de subir a uma colina que dominava a região, cujo acesso só lhe foi possível graças ao trabalho dos desbravadores. Galgada a eminência, Dom Gerardo marinhou cuidadosamente uma árvore e, lá em cima, deixou-se ficar um momento, silencioso e meditativo, empolgado talvez com o panorama que ali se abria aos seus olhos maravilhados. Depois desceu e comunicou aos presentes ser aquêle o local para a construção do novo mosteiro".

E o franzino companheiro do Dr. Justa, que o sertanejo supusera um colegial, era o médico recentemente formado na Capital da República — Carlos da Costa Ribeiro —, com os seus 22 anos de idade e o seu corpo de rapaz irrobusto, quase um magriço.

Não ia ao convento beneditino a estudar como discípulo, senão responsabilizar-se pela sanidade do estabelecimento. E mais: ia ministrar aos alunos os empolgantes conhecimentos da Física, da Química, da História Natural e da Corografia do Brasil. Dera-lhe tão sérios encargos o convite aceito que lhe fizera no Rio de Janeiro o Dr., João Batista de Queirós, aconselhando-o a refazer-se, dir-se-ia melhor: — *fazer-se* ao contacto do excelente clima e da boa alimentação oferecida por aquela paragem edênicamente propícia.

O "Ginásio S. José", inaugurado em 3 de maio de 1903 e equiparado ao Ginásio Nacional, "funcionou por espaço de sete anos, tendo-se constituído um dos mais famosos centros de instrução secundária que já possuíu o Ceará, quiçá o norte do País".

"Famoso — di-lo José Bonifácio de Sousa — não só pela amplitude e confôrto de suas instalações que excediam às dos estabelecimentos congêneres, como também pela eficiência do ensino e da educação, a cargo de professôres cultos e probos, alguns dêles egressos de universidades européias".

Carlos Ribeiro vinha encontrar o Ginásio e a Abadia em pesados crepes, mal saído do transe em que o jogara a morte, levando ao túmulo o Prior Dom Maurício Prichzy, abatido dias antes, em 13 de janeiro, pela virulência da febre amarela.

Recebeu-o comovidamente o novo Prior, Dom Amaro Van Eme-

len, e o colocou no pleno exercício dos cargos, aos quais, logo se pressentiu, daria cabal e exímia execução. Curava e ensinava, e não é só: identificava-se ao burburinho daquela colmeia de estudos e dava-lhe, também, o destilado mel do seu devotamento.

Dolor Barreira, seu ex-aluno do Ginásio, relembra o professor: "o Mestre, de menos de vinte e três anos de idade, médico recém-doutorado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com a tese — "Simulação de Moléstias da Infância", aprovada com distinção, lhano e accessível, brando e modesto, com a preocupação única de levar a matéria professada, de que é senhor e que transmite, proficientemente, ao conhecimento do discípulo".

Mas o Ginásio um dia teve de cerrar as portas, sem fôrças para resistir às deficiências de sua manutenção. Em 1909, com o último Reitor, Dom Ruperto Rudolfh, parou o trabalho da colmeia.

A extinção da comunidade dar-se-ia em setembro de 1915. O Convento da serra do Estêvão, pelo determinismo das coisas, tinha que transmudar-se mais tarde numa obra da Congregação das Missionárias da Imaculada Conceição e o edifício do Colégio, numa casa de repouso. O Bispo D. Manuel da Silva Gomes fizera o milagre dêsse reaproveitamento de tantas instalações caídas no desuso, com a ausência dos beneditinos. À quietude melancólica do abandono vinha contrapor-se a quietude reparadora de canseiras do corpo e do espírito de hóspedes ou pensionistas, revigorados pela mansidão da paisagem, a delícia daqueles ares e os cuidados das irmãs administradoras.

Sem as suas funções de esculápio e de professor, foi possível a Carlos Ribeiro dar resposta afirmativa a outro sugestivo convite, que lhe dirigia o Dr. Elisiário Távora, cearense, alto magistrado no Território do Acre. O fascínio da Amazônia longínqua, as promessas do Eldorado verde trabalharam-lhe as relutâncias e ei-lo, bem logo, decidido e confiante a embarcar, no dia 16 de janeiro de 1910, com destino ao Alto-Purus, que seria novo campo às suas atividades clínicas e ao seu amor à Medicina. Dirigiu, ali, a Higiene Pública e organizou o "Hospital de Caridade 22 de Maio", de que foi diretor. Aliciando colegas, farmacêuticos e dentistas, fundou o "Centro Siniátrico de Sena Madureira", sociedade de fins culturais e deontológicos, da qual foi o primeiro presidente. Mas, não resistindo às súplicas do coração, trouxe-o êle, no ano seguinte, ao Ceará, para levá-lo agora bem unido, entrelaçado àquele que lhe ritmaria inseparàvelmente as pulsações de uma amizade indestrutível. Levou o seu grande ideal feito espôsa — D. Mariinha, admirável companheira, inspiração do todo o mais da sua vida.

Ansiava, no entanto, por um aperfeiçoamento cultural que o Acre não podia oferecer-lhe e, conduzindo a mulher e duas filhinhas em tenra idade, procurou a França luminosa e eterna, onde freqüentaria

cursos adiantados, como a "Clinique Tarnier", de tanta e justificada fama. Narrou-me certa vez que desde o comêço era alvo ali de especial consideração da parte dos colegas, fato um tanto estranhável em relação a um quase desconhecido, e foi com desapontamento que verificou que tudo aquilo resultava não mais do que da maneira como fôra matriculado, figurando em sua ficha — M. *Da Costa Ribeiro*. A partícula preposicional *Da*, colocada antes do nome de família, emprestava entre os europeus algo de nobre ou superior, *un signe de noblesse* e daí aquela aura de interêsse com que o cercavam, supondo um representante da aristocracia do seu País.

Cursava o "Hôpital des Enfants Malades", na capital francesa, quando rebenta a 1ª. Grande Guerra e, por isso, entrou a prestar serviços à Cruz Vermelha, num hospital mantido no "Licée de Sailly" pela "Union des Femmes de France". Sobreveio, então, a batalha do Marne, apavorando as populações e as autoridades, e, dispensado por isso dos seus deveres, não viu outro recurso que o de passar-se com a família para a Inglaterra, de onde alcançou o Brasil, viajando no transatlântico "Amazon", da Mala Real Inglêsa, o qual foi torpedeado na viagem de retôrno.

De novo em Fortaleza, a 6 de novembro de 1914 foi nomeado Inspetor da Higiene do Estado, departamento que reorganizou e a que emprestou animação e ordem, transformando-o numa Diretoria, com cinco médicos indispensáveis, com um código sanitário e um laboratório de pesquisas, por êle próprio montado. Era de ver a solicitude com que tudo providenciava, nunca deixando, em nem um ano de sua gestão, de publicar circunstanciados relatórios dos serviços aos seus ombros. Serviu, assim, ao govêrno que o nomeou e ao govêrno seguinte, que lhe exigira continuasse nas funções.

Depois resolveu fazer por sua conta a clínica laboratorial, ao mesmo passo que se consagrava mais ainda à carreira que lhe seria o traço cheio de sua jornada profissional — o magistério. A arte ou técnica de ensinar foi, com efeito, em Carlos Ribeiro uma observância, quase uma embriaguez absíntica, desde aquêles tempos do Ginásio S. José. Na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, da qual foi diretor, ensinou Microbiologia. As lições da Física, da Química e da História Natural ministrou-as no Liceu do Ceará e no Instituto Santa Dorotéia, sendo que, neste, durante vinte anos. Ensinava a Física aos alunos do Colégio S. João e do extinto Colégio Militar do Ceará, de cuja tesouraria, aliás, nunca recebeu provento algum. Em nossa Escola de Agronomia, as suas aulas versavam a Anatomia dos Animais.

Era um inquieto, dentro da sua aparente serenidade, sempre a imaginar coisas de imprescindível efetivação em bem da coletividade. Filho dessa inquietação é o "Centro Médico Cearense" (1913) de cuja criação, com o Barão de Studart à frente, foi um dos mais ardorosos

participantes. A êle presidiu eficientemente, concorrendo, como salienta Pedro Sampaio, para quebrar a feição individualista da Medicina em nosso Estado, pois "até então cada médico vivia para si, por si e só contava consigo".

Filho dessa inquietação é o "Instituto Pasteur", destinado ao tratamento anti-rábico, que êle, com o apoio moral do mesmo Barão de Studart, veio a instalar, depois de tenaz esfôrço contra as dificuldades. Impressionara-lhe o caso da família do respeitável comerciante João de Pontes Medeiros, atingida em vários dos seus componentes por um cão hidrófobo e muito mais lhe confrangeu assistir às agonias decorrentes da inexistência do sôro específico no Ceará, sendo necessário ir buscá-lo às carreiras no Recife. Doado pelo aludido comerciante o terreno para a construção do prédio, derrotou Carlos Ribeiro todos os obstáculos, solicitando, pedindo, angariando auxílios e donativos e, em 1919, no dia 12 de setembro, viu realizada a sua aspiração. Às expensas próprias, estivera no Rio de Janeiro, com o fim de estudar a técnica da vacinação anti-rábica e, gratuitamente, dirigiu o Instituto até faz pouco tempo.

Filho dessa inquietação é o "Gabinete de Raios-X", o primeiro a funcionar no Ceará, que êle montou, em 1925, na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, também lutando sem desânimos nem acabrunhamentos, desajudado do govêrno e recorrendo à generosidade do povo, através de subscrições e quermesses. Sem recompensa material de qualquer sorte, manteve-se na direção do Gabinete até o momento de confiá-lo ao Dr. Lineu Jucá, que, por êle estimulado, se havia especializado em radiologia, no Rio de Janeiro. Para facilitar o empreendimento, escreveu o "Pequeno Guia do Radiodiagnóstico".

Filho dessa inquietação é a existência, em nossa Capital, da "Maternidade Dr. João Moreira", iniciativa dos Drs. Manuelito Moreira, César Cals de Oliveira e sua, aflitos os três diante da miséria e desprêzo com que as mulheres pobres exercitavam a mais dramática das suas funções biológicas e a mais sagrada das missões terrenas — a de ser mãe. O seu desvêlo por essa casa de obstetrícia repete-se hoje na extraordinária dedicação do filho — o Dr. José Carlos da Costa Ribeiro.

Filho dessa inquietação foi o "1º Congresso Médico Cearense", esboçado e vitoriosamente executado, em 1935, graças, em grande parte, às suas atividades estimuladoras e incessantes e que tanta repercussão logrou nos centros científicos do País. Os Congressos de estudos e temas, além das suas finalidades especiais, valem magnìficamente pela aproximação, que estabelecem entre os congressistas, formando ou radicando estimas e fortalecendo intercâmbios preciosos. Neste particular foi Carlos Ribeiro um excelente. Já em 1918, convidado pela Comissão Organizadora do 1º Congresso Sul-Americano de Dermatologia e Sifili-

grafia, no Rio de Janeiro, fôra relator da tese "Freqüência da Lepra no Ceará", publicado nos respectivos anais. Fêz parte do 2º Congresso Brasileiro de Higiene, em Belo Horizonte, do 8º Congresso Brasileiro de Medicina e da Comissão Central do 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos.

A sua irresistível tendência associativa o haveria de conduzir forçosamente aos conclaves e ao seio das sociedades com objetivos mais ligados ao sentido da felicidade do homem, e foi no Rotary que êle deparou a planície florida para as suas inclinações sadias, de amizade ao próximo e real compreensão dos preceitos universais da solidariedade humana.

A fórmula rotária é o *ideal de servir*, consubstanciado num desígnio de altruismo e fé no aperfeiçoamento moral dos indivíduos: "dar de si antes de pensar em si". Ou, noutros têrmos: "mais se beneficia quem melhor serve", entendido o benefício como o lucro espiritual que nos vem quando auxiliamos a outrem, seja de que maneira fôr. É fazer, com desprendimento, alguma coisa mais do que seja de fato possível: como sugere o rotariano Gerson Mendonça, "é andar outra milha a mais do que a milha que se é obrigado a andar".

Êsse objetivo de Rotary não é, afinal, uma novidade, pois não passa, a rigor, da evangélica e fundamental pregação de Cristo — amai-vos uns aos outros. Novidade é o processo com que, adotando normas práticas, pretende atingir o grande princípio cristão e sobretudo humano, uma associação de pessoas de boa vontade distribuídas em clubes por todo o mundo.

Vê-se que para ser rotariano, em estrito conceito, será preciso que o sócio de Rotary ultrapasse a usual disposição de portar-se em seus negócios ou na sua profissão, e ganhe, por si mesmo, a convicção de que ao exercício rotineiro dêsses seus negócios há de acrescentar o firme propósito de contribuir para o bem social. Se êle não quer ou não pode encher-se ìntimamente, ou melhor: se não sabe impregnar-se dessa convicção salutar, êle não deve estar em Rotary ou, se estiver, o estará traindo, sendo melhor que, assim desajustado, volte a fazer da sua profissão o mealheiro dos lucros argentários.

Seja o comerciante, seja o homem da indústria, seja o que se ocupa em misteres liberais ou públicos, torna-se capitalmente necessário que o rotariano enxergue o seu lugar dentro de Rotary como fonte de austeros deveres e não macio divã de regalias, passatempo ou proveito cômodo: é indispensável se conforme e amolde, inteiramente, à obrigação de andar a *outra milha* além da que é obrigado a percorrer habitualmente. Esta outra milha é, pois, a característica que separa, como se fôsse o vértice dum ângulo, o legítimo rotariano do pretenso rotariano.

Carlos Ribeiro perlustrou, como quem mais o tenha feito, a milha

do desprendimento, porque lhe eram inatas as virtudes dos que sentem a ventura de "saber olhar os lírios dos campos", porque era portador dos mesmos dons que fizeram do pai uma ternura de caráter, maneiras e coração — o Dr. José Carlos Ribeiro Júnior, filho da Paraíba, que o destino trouxe aos climas irmãos do Ceará como formosa mensagem de alegria e inteligência, bem cedo, entretanto, desfeita em goivos e saudades.

Era, em verdade, impressionantemente delicada a personalidade dêsse bacharel peregrino que o anjo do extermínio carregou "em pleno meio-dia da vida", aos 36 anos, porém já cultivado na ciência do Direito, na Filosofia e nas Belas-Letras, provecto sabedor de idiomas e já convocado para as obrigações sisudas de uma Secretaria de Estado. Era um talento artístico dando colorido ornamento a uma erudição precoce, filha do trabalho insatisfeito de horas literalmente aproveitadas, da meticulosidade na distribuição das tarefas e da volúpia das leituras clássicas, que o levaram a "produzir verdadeiros primores literários".

José Carlos, escreveu Antônio Sales, tinha um talento encantador para escrever contos, ramo literário tão pouco cultivado em nosso País. Dêle conhecemos alguns verdadeiramente adoráveis, como *Per pars Starvanja, Os canhões amarelos, Que teria dito o Fritz?* e muitos outros verdadeiramente primorosos. As especulações filosóficas que, de ordinário, esterelizam os professôres e lhes tornam o estilo pesado e inestético, apenas se traíam em seus escritos pela extrema correção gramatical que os dominava sem quebrar uma única linha do fino contôrno artístico da sua prosa. Em grande parte dos seus contos vibra delicadamente a nota humorística, mas muito ao de leve, suficiente apenas para frisar com um bom sorriso o lábio do leitor. Lá uma ou outra ironiazinha ferroa às vêzes os ridículos da vida, mas tudo com aquêle comedimento que lhe era peculiar em tudo. A sua obra poética é igualmente brilhante... Deixa entre as suas poesias um bom número de traduções, tendo-se entre as de maior fôlego "Os sinos", de Schiller. Seu lar, onde o problema da felicidade conjugal havia encontrado a mais perfeita solução, seu lar, onde uma espôsa magnificamente dotada de espírito e de coração e um rancho de crianças o cingiam num círculo de santíssimos afetos — inspirou-lhe talvez as mais delicadas e as mais sentidas das suas poesias. E nestas, como nos contos, como em tudo que saía de sua pena, a pureza da linguagem se casa à elegância da forma — peças de ouro antigo caprichosamente buriladas por um requintado artista de hoje.

A essas palavras do Padeiro-Mor da "Padaria Espiritual", a que José Carlos pertenceu travestido em *Bruno Jaci* e da qual por sua vez foi presidente, antecederam essas outras: "Há individualidades que, pelas condições especiais do seu temperamento, por uma inata e me-

lindrosa pudicícia espiritual, evitam cuidadosamente que ao redor do seu nome atraia a excessiva publicidade e se desvendam sòmente perante um pequeno círculo a cuja curiosidade exigente não se podem de todo esquivar. A êsses espíritos refractários à febre de exibição peculiar à nossa época de desordenada atividade, tão bem servida pelos fáceis processos de vulgarização da imprensa; a êsses espíritos sempre assaltados por um vago pavor do grosso público pertencia José Carlos Júnior, o eminente e modestíssimo homem de letras roubado inesperadamente às glórias da nossa terra e aos carinhos de uma espôsa adorável e nove filhinhos menores".

Outro, que lhe comentou a individualidade, afirmou ser a vida de José Carlos digna de um poema.

Tôda essa herança espiritual do pai acrisolou-se no filho, modelando o conjunto de dotes e finos traços componentes de sua pessoa admiràvelmente predisposta às exigências do cavalheirismo, da simpatia natural, do amor da correção e do equilíbrio dos menores atos e, principalmente, do amor do dever e das iniciativas colimando o bem-estar dos outros e o lenitivo da dor alheia.

No filho, venceram sôbre as mais intelectuais as preocupações humanitárias. O intelectual, o erudito não pode acompanhar as veemências do fraterno, do sentimental. No pai, o cérebro com o fulgor das idéias, artefactando um saber mais aproximado dos olimpos intácteis; nêle, a alma com as refulgências de um ideal, preparando uma sabedoria mais fundamente mergulhada na realidade da contigência humana. O pai olhou mais para cima; êle, correu a vista mais pelo nível dos semelhantes.

Se tivesse preferido continuar o pai, tê-lo-ia feito sem omissões, explorando melhor o veio de sua queda para os artifícios literários e as jóias do vernáculo. O que se conhece dêle são belas amostras de acentuado poder criador: as suas crônicas, as suas descrições de viagem encerram excepcionais virtualidades. Quem se der à leitura, por exemplo, do que escreveu sôbre a Gruta de Ubajara sente-lhe o vigor descritivo, trazendo-nos aos olhos as maravilhas daquela ostentação orgíaca da Natureza. Supera a sua descrição à de Antônio Bezerra, que, de si, é mirífica pintura. Acompanhei-o na excursão à Gruta e asseguro que o retrato é perfeito.

Mas, se não preferiu continuar o pai, tentou completar o pai e o conseguiu: encarnou-o, reproduziu-o para que, através dêle, conhecêssemos o cândido paraibano que se fê cearense. Houve, apenas, uma mudança de rumo: a vida, talvez o destino levou o filho ao suor da *outra milha,* a "fazer alguma coisa mais do que de fato possível".

Não bastariam tantas instituições que fundou, nem os percalços e enfados dos longos anos de magistério, esculpindo a mocidade para tirar da mocidade as gerações do futuro. O destino mostrou-lhe outro

caminho do *bem servir* aberto nas avenidas largas da prestativa instituição cujos primeiros fundamentos o advogado norte-americano Paul Harris lançou em Chicago, no ano de 1905.

Transformou-se num arrebatado, num entusiasta das vitórias de Rotary e aliava a tudo isso a algeria de viajar, de captar novas relações de amizade, de incitar a formação de novos clubes, de manter, enfim, aveludada rêde de intercâmbios de ordem social, sentimental e intelectual, que preparam a doce e suave atmosfera que os verdadeiros rotarianos tanto se comprazem de respirar.

Era um mágico de cordialidade, a tecer, maravilhosamente, a trama da mútua compreensão e das mútuas afeições. Havia assimilado perfeitamente esta verdade de Paul Harris: servir à comunidade deve constituir um passatempo bem melhor do que o de colecionar moedas e selos.

E a sua magia não se limitava a uma irradiação interfronteiras, senão avançando em grandes amplitudes, através dos inúmeros países por êle visitados, em repetidas excursões. Era um viajor inveterado: para mais de 600 fêz entre maiores e menores, ao lado de sua querida espôsa e sobraçando a pasta em que conduzia o segrêdo com que fabricava as boas relações, na mais sincera das reciprocidades. Estêve em mais de 230 cidades brasileiras e conheceu cêrca de 50 nações estrangeiras. Ainda hoje, por onde se anda por êsse Brasil afora, vem-nos a pergunta: "Como vão o Carlos e D. Mariinha?".

Em seu clube, ninguém o excedeu no rol dos merecimentos e trabalhos, e pena é que os rotarianos mais novos não hajam privado do seu contacto maneiroso, estimulador, generoso, a cativar-nos com a franqueza do seu sorriso e os seus peculiares gracejos, não raros enfeitados de ingênuos trocadilhos, emprestando à sua palestra uma tonalidade como que rósea, atraente e espirituosa. Ensinava com ardor idealista as lições de Rotary e, sem jactâncias, impunha-se à admiração dos seus companheiros.

Um dia entrou para o Instituto do Ceará. Com a sua timidez, que era a do pai, começou com a temerosa escusa de ter alimentado essa ambição: "Pôsto que tenha plena consciência do meu apoucamento, mais de uma vez sonhei com uma destas cadeiras", confessou no seu discurso de recepção. "Mas, de tão ousado me parecer o sonho, a ninguém jamais o revelei; nem mesmo a minha mulher, a minha confidente de todos os momentos. Não sei como agradecer-vos a vós, Senhores do Instituto do Ceará, mas sei render graças ao Bom Deus, que a realização de tantos sonhos me tem proporcionado. órfão e pobre, aos 11 anos de idade, sonhei ser médico e aos 22 o era. Sonhei depois com um lar e Êle me deu a melhor das espôsas. Há cêrca de 42 anos, em uma festa campestre nos arredores de Fortaleza, eu disse, com profunda sinceridade: "aprazível vivenda essa! Gostaria de morar

num cantinho assim". "Eu também, atalhou uma das jovens presentes, adoro isto". Pois bem, há 22 anos estamos morando ambos, aquela moça e eu, naquela casa, naquele mesmo "cantinho". Sempre parco de recursos materiais, tive o sonho aparentemente louco de conhecer o mundo, de viajar terras estranhas; e Deus m'o tem permitido, mais do que permitiam minhas próprias esperanças. E, agora, condescendeis em abrir-me as vossas portas para que eu ingresse, canhestramente embora, neste meio que tanto me honra e enobrece".

Não vinha canhestramente. Entrava por merecimento e porque nós outros esperávamos da sua ilustração e da sua dedicação o muito que podia dar. Não havia causa para aquela sua angustiada pergunta: "Por que, conhecendo-me a mim, ousei aspirar e aceitar a investidura que ora tanto me envaidece?". Não havia causa para êsse temor.

Sabíamo-lo bastante, para que não tivesse havido gratuidade na escolha, que se expressou em compacta unanimidade nos nossos escrutínios secretos, onde as restrições podiam ser manifestadas sem receios.

Dá-se, todavia, que *l'homme propose et Dieu dispose*. Logo teve de rarear os comparecimentos, por obediência às viagens que constantemente tinha que empreender em cumprimento de imperativos funcionais e, outras vêzes, para dar mais ampla satisfação aos seus desejos de viageiro impenitente na insofrida sêde de ver outras raças e pisar novas terras.

Daí, por que não nos presenteou mais da sua companhia e da sua contribuição. Quem quiser que se apegue ao livre-arbítrio e negue a determinação dos acontecimentos, ora resolvendo por nós, noutros casos sem nós e não raramente contra nós. Há supremas fôrças que não nos deixam a liberdade de decidir. Até a crença no livre-arbítrio é um determinismo. Em cada passo da vida fazemos o que não desejamos, ou não desejamos o que fazemos.

Depois veio a doença, minando-lhe o organismo, veio a fadiga do trabalho exaustivo, cansando as células, amolentando o espírito, reduzindo-o, ambas, à condição de enfêrmo esclerótico, alheado, hora a hora, à consciência dos fatos e ao perfume das amoráveis flôres do jardim das afeições que tanto soubera cultivar.

Chegara ao "ponto final do humano calendário" — na expressão do poeta. Ao instante de pagar a dívida que todos irremediàvelmente contraímos com o nascer. Chegara a grande determinação, a maior de tôdas contra nós — o aniquilamento.

Afinal, como Nietzche nos ensina, muitos morrem muito tarde e outros morrem muito cedo, e quem satisfez a sua missão morreu vitorioso. Carlos Ribeiro, plenamente, satisfez a sua.